

A crise da água para além do modismo socioambiental

Simone Scifoni

Resenha do livro: BERTOLOTTI, Frederico. *Os conteúdos sociais da crise ecológica: a reprodução do espaço urbano e a ocupação da Guarapiranga*. São Paulo: Edições FFLCH, 2011.

Ao inverter o foco de análise da questão dos mananciais em São Paulo, situando-a no âmbito do processo de reprodução do espaço urbano, o trabalho de Frederico Bertolotti tem muitos motivos para se tornar uma leitura de referência para o desvendamento dessa problemática na metrópole paulista.

Em primeiro lugar pela coragem de sua interpretação crítica, em um momento em que se generaliza o modismo em torno do chamado enfoque “socioambiental”, que muitas vezes parece esconder antigas posições conservadoras reproduzidas agora em um rótulo novo, um pretense novo discurso que ainda insiste, no fundo, em responsabilizar os mais pobres da periferia da zona sul paulista como os “degradadores da natureza e da paisagem” e que continua a ver a periferia com a “cidade ilegal”, como se a mesma ilegalidade não estivesse também, entrincheirada nos bairros centrais e valorizados da cidade.

Ponto de vista fundamental adotado pelo autor em um momento em que se discute a criação de parques naturais na periferia da zona sul de São Paulo, como compensação ambiental às obras do Rodoanel, parques estes que correm um grande risco de segregar os moradores pobres do entorno ao não viabilizar o uso recreativo e de lazer tal qual é a expectativas destes grupos sociais.

O autor desconstrói essa narrativa de senso comum, mas que também aparece impregnada no debate acadêmico principalmente nas chamadas ciências ambientais, expondo, assim, visceralmente o seu conteúdo ideológico, recolocando a questão dos mananciais em um novo patamar de discussão, o da reprodução do espaço urbano como totalidade.

A história da zona sul de São Paulo tem sido contada e recontada como a história da degradação da área de proteção aos mananciais pela ocupação periférica da cidade, ou seja, ocupação pelos mais pobres, a chamada “cidade ilegal”. Mas o autor preferiu recolocar a questão, tomando como ponto de partida a contínua e ampliada exploração do trabalho e, portanto, a condição histórica de pauperização do trabalhador, de suas condições de vida e moradia em sua trajetória de expulsão contínua da cidade.

Um dos pontos fortes do livro de Frederico Bertolotti é situar essa problemática na sua origem, ou seja, no processo de urbanização, fugindo a interpretações simplistas que fragmentam a realidade ao olhar a questão dos mananciais como coisa em si mesma. Neste sentido, dedica-se, em um primeiro momento do livro, a elucidar com detalhes, a análise desta totalidade na qual a questão dos mananciais se insere.

Tomando a indústria como ponto de partida desta totalidade e para compreender a produção da periferia, discute a fundo as transformações que levaram ao processo de reestruturação da metrópole, seus impactos no mundo do trabalho e na reprodução da periferia urbana. Compreende essa reestruturação no bojo de um processo econômico maior, de transição da hegemonia do capital industrial para o capital financeiro, que coloca novos conteúdos à produção do urbano. Retoma e articula com precisão os vários momentos da discussão entre a produção e reprodução do urbano, apresentada por Ana Fani Alessandri Carlos em suas

diversas obras, amparando-se nesta fundamentação. Concebe assim a reprodução das periferias urbanas como a manifestação sócio-espacial deste processo maior.

Se de um lado o autor se estende por demais nesta discussão da totalidade, também o faz com seriedade e responsabilidade intelectual, em uma exposição que se destaca pela qualidade do texto e pela preocupação em deixar claro e compreensível os processos complexos dos quais está tratando. Reforça-se assim seu caráter de leitura de referência, por articular e sistematizar de maneira clara e didática, vários processos que compõe essa totalidade.

O trabalho encontra-se dividido em dois momentos de discussão que não se separam. A primeira parte fundamenta e justifica a problemática dos mananciais da periferia da zona sul paulista que virá depois, no segundo momento. Enfatiza, desta maneira, que não se pode olhar para a questão dos mananciais como meramente um problema ecológico mas, antes de tudo, como uma problemática de ordem sócio-espacial.

No segundo momento de discussão enfatiza que a valorização do espaço urbano e a deterioração das condições de vida da classe trabalhadora são fatores que explicam a expansão da periferia na zona sul, em um movimento constante de reprodução desta periferia rumo ao mais distante, aos confins do território. Critica os discursos sobre a degradação dos mananciais que culpabiliza os “aglomerados urbanos de baixo padrão” pela crise de abastecimento da água, mostrando que esta crise esta associada a uma série de fatores pouco considerados.

Nesse sentido, sua crítica à forma como publicamente é colocada a crise de abastecimento de água, que fragmenta a realidade e enfatiza um único lado da questão, evidencia o caráter ideológico e de classe que existe na representação desta crise dos mananciais. O autor aponta, assim, a necessidade de ampliar a leitura da problemática do abastecimento da água, incorporando outras variáveis importantes, tais como: o consumo desigual do recurso, que é muito maior nos bairros centrais e valorizados do que na periferia; a perda de água tratada no sistema, que é muito mais significativa do que se divulga; o desempenho do sistema de coleta e tratamento de esgoto, muito aquém do que deveria ser, principalmente nas áreas produtoras de água onde há população moradora; e, por fim, as disputas e embates com o setor energético, principalmente em se tratando das águas da Represa Billings.

Nestes termos, o livro de Frederico Bertolotti elucida-se os conteúdos sociais e entre eles, os de caráter político e econômico, da crise de abastecimento de água em São Paulo, para além do chamado discurso socioambiental.